



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

ISSN ELETRÔNICO 2316-3828

Dossiê

“DOUTRINA AOS MENINOS DA ALDEIA”: PRÁTICAS DE ENSINO JESUÍTICO NA AMÉRICA PORTUGUESA

Ane Luíse Silva Mecenas Santos¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir das cartas, produzidas pelos jesuítas na Capitania de Sergipe, as práticas de conversão e os métodos de ensino apresentados para educação indígena. A ação catequética jesuítica nas terras situadas ao norte da capitania da Bahia resultou na produção de textos a respeito da língua e dos costumes dos povos que viviam às margens norte do Rio Real. Partindo da rele-

vância de tais registros para a História da Educação no período colonial, este trabalho tem o propósito de apontar alguns sinais da catequese e do método utilizado pelos jesuítas.

PALAVRAS-CHAVE

Sergipe. Educação. Jesuítas. Cartas.

ABSTRACT

The present work aims to analyze, from the charts, produced by the Jesuits in the captaincy of Sergipe, the practices of conversion and the teaching methods presented for indigenous education. The Jesuit catechesis on land located north of the captaincy of Bahia resulted in the production of texts about the language and customs of the peoples who lived on the northern banks of the Rio Real. Leaving the

relevance of such records for the History of Education in the colonial period, this paper aims to point out some signs of catechesis and the method used by the Jesuits.

KEYWORDS

Segipe. Education. Jesuit. Letters.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar, a partir de las listas de éxitos, producidos por los jesuitas en la capitanía de Sergipe, las prácticas de conversión y los métodos de enseñanza que se presentan para la educación indígena. La catequesis de los jesuitas en el terreno ubicado al norte de la capitanía de Bahía resultó en la producción de textos sobre la lengua y las costumbres de los pueblos que vivían en la ribera norte del Río Real. Al

salir de la relevancia de este tipo de registros para la Historia de la Educación en el período colonial, el presente trabajo tiene como objetivo señalar algunos signos de la catequesis y el método utilizado por los jesuitas.

PALABRAS CLAVE

Sergipe. Educación. Jesuitas. Cartas.

Os estudos acerca da História da Educação, que tratam do período do domínio português na América, destacam o significativo papel das diversas ordens religiosas na formação educacional da colônia. Esses sujeitos históricos ao lançar-se no Atlântico carregam consigo os hábitos do Velho Continente e, por isso, impregnaram em seus discursos o mundo do qual foram formados. O Atlântico não é o rio *Leter* da mitologia grega, no qual o indivíduo se depara com o total esquecimento. Os europeus cruzam o oceano e “molham-se” de conhecimento, não são os mesmos, por carregarem os dois mundos: o de ontem e o de hoje. Conforme aponta Paul Ricoeur, o mundo do autor constitui a trama da escrita e dessa forma, torna-se o fio condutor de *mnemosine*.

A historiografia por muito tempo foi construída pelo esquecimento do contato, a interpretação buscava identificar apenas os sinais de dominação portuguesa na América era restrita pelo olhar e pelos discursos da subjugação e do esfacelamento da cultura indígena. Nas últimas décadas outros conceitos passaram a filtrar as pesquisas e proporcionar novos rumos. Essas contribuições podem ser constatadas ao analisar o significativo número de publicações produzidas, cujo objetivo é reinterpretar seja pelo conceito de mediação cultural ou da tradução cultural, as fontes produzidas pelos padres são analisadas para além da relação maniqueísta. Dentre essas fontes revistas, destacam-se as cartas, os catecismos e as gramáticas, instrumentos das normativas pela qual o mundo oral do índio passou pelo crivo e foi instituído pela escrita.

Na escrita desse momento da conquista, contamos com o testemunho dos jesuítas. Com isso para poder também apreender os métodos de conversão empregados nesse primeiro momento e observar os silêncios a alguns interesses. Dentre os quais podemos destacar o que nos aponta Castelnau-L'Estoile (2006) quanto aos índios de Sergipe. Para a autora esses gentios realizarão o “sonho jesuítico de aldeia”, pois foram eles que propuseram aos inicianos viver em comunidade sob “a lei de Deus”:

A missão de Sergipe dirigida pelo Pe. Gaspar Lourenço é emblemática dessa evangelização perturbada por inimigos exteriores; o relato dessa missão (...) resume toda a história da missão brasileira. (CASTELNAU-L'ESTOILE, 2006, p.120).

Os primeiros registros que comprovam a ocupação jesuítica nos limites além do Rio Real são datados de 1575, com a fundação das aldeias de São Tomé, Santo Inácio e São Paulo pelo padre Gaspar Lourenço e pelo irmão Salônio, sendo o primeiro o superior e o segundo, subordinado. O documento que atesta essa presença é a carta², datada de 7 de setembro de 1575, de autoria do padre Inácio de Toloza³. As correspondências entre os membros da Ordem são vistas como a chave para a compreensão do sistema jesuítico, principalmente, por haver uma norma que regia a sua escrita:

Em 1547, o secretário de Inácio, Polanco, envia a toda a Companhia uma instrução que desenvolve com minúcia ‘as regras’ da correspondência, especificando o tipo de cartas que se deveriam escrever, os temas que deveriam ser abordados, o estilo a ser utilizado, a frequência de observação no envio das cartas. Não há liberdade e escrita na Companhia; a correspondência era muito representativa para o bom funcionamento da ordem para ser deixada à livre iniciativa dos padres dispersos. (CASTELNAU-L'ESTOILE, 2006, p.72).

Apesar das especificidades nas normas que regiam a escrita das correspondências, devemos levar em consideração que a tarefa também era conduzida pela subjetividade do autor. A dosagem nas palavras, a escolha do que devia ou não ser comunicado se encontrava permeada pelas lentes do observador que fez tal seleção, podendo nem tudo se encontrar presente no que foi materializado no documento, conforme defende Hanser. Não obstante a importância de tais escritos, eles eram também fundamentais para a organização da própria ordem, mantendo a unidade e certo controle.

2. Carta de Padre de Toloza ao Padre Geral da Companhia de Jesus de sete de setembro de 1575. Biblioteca Nacional de Lisboa, cod. 41.532, fls 161-167.

3. O padre Inácio Toloza foi reitor do Colégio da Bahia, no período compreendido entre os anos de 1592 e 1598. (Carta de Pero Rodrigues de 07 de agosto de 1592, Bras, 15, 393)

As práticas diárias dos índios passam a ter uma nova rotina, como rezar pela manhã, ir à missa e estudar. Os jesuítas deveriam ter total controle do espaço sagrado da aldeia e isso era proporcionado pela normatização de atividades para todo o dia. Não se moldava apenas a fé do gentio, moldavam-se os corpos e os costumes, para alcançar o êxito e poder propagar a fé cristã pela repetição das atividades, uma forma de facilitar o aprendizado. E esse é um ponto presente nas cartas, a preocupação com a repetição das palavras e das ações, tanto pelo padre como pelo gentio. O ensino pautava-se na disciplina e, a repetição era uma forma de alcançar esse objetivo. Essa preocupação já se encontrava sistematizada no *Ratio Studiorum* “(...) aplicar-se-ão aos estudos com seriedade e com constância. Serão pontuais e assíduos às aulas, e diligentes a ouvir e a repetir as preleções, bem como a realizar todos os outros exercícios”. (2009, p. 248)

E diante da necessidade de instruir os padres iniciaram uma cruzada para conversão. Na aldeia de São Tomé⁴ o padre Gaspar de Lourenço, junto com o Irmão Salônio, fundaram uma escola para criança chamada de São Sebastião (ALMEIDA, 1954, p.175). A carta do padre Inácio de Toloza relata que ensinavam na escola pela manhã, à tarde e à noite.

Um índio de nossas aldeias ia tangendo a campanha por toda a aldeia e assim acudiam muitos diante da casa, donde o padre os ensinava as causas de nossa santa fé e o irmão tomou cargo da escola dos moços, que foram a princípio cinqüenta e depois chegaram até cem e em breve tempo sabiam as orações e a um que principalmente residiu com os índios, por que para eles principalmente eram enviados, acudia também com alguns brancos que estavam de ali a algumas seis léguas, consolando-os com dizer-lhes missa e confessando-os e um dia chovendo para esta aldeia de S. Tomé os consolou Deus Nosso, porque estando em roda dela, ouviram grandes vozes diante da casa, onde moravam e era um moço da escola de S. Sebastião que o padre havia deixado, para que vigiasse pelas casas

e que estava ensinando a doutrina aos meninos das aldeias e depois os fazia persignar e santificar por si a cada um, e isto fez todo o tempo que esteve ausente, que foram nove dias⁵.

Observa-se que, pela quantidade de alunos relatada, pode-se imaginar as dimensões da propagação da cultura cristã na referida aldeia, chegando a contribuir também com a catequese de brancos que viviam nas imediações. Convém destacar, conforme o texto, que a aprendizagem das orações era rápida. No entanto, fica a dúvida quanto às práticas pedagógicas utilizadas durante as aulas, que não são relatadas nesse texto, embora seja possível identificar que a repetição dos hábitos ensinados era a forma mais utilizada para que o gentio pudesse apreender os costumes cristãos e, assim, modificar seu comportamento.

As crianças eram os alunos prediletos dos inacionos, conforme aponta Neves (1978, p. 95). De acordo com o autor, o demônio tinha maior atuação com os adultos. Dessa forma as crianças estavam menos vulneráveis a interferência do “mal” e aprenderiam as coisas da fé facilmente.

À medida que os meninos aprendiam as orações, participava das missas e da confissão havia a verificação da eficácia dos conhecimentos ensinados, que pode ser apontada pela repetição das práticas sem a presença dos jesuítas na localidade.

A sacralidade foi difundida não apenas pela palavra, pois o espaço da aldeia de São Tomé também sofreu alterações. Por exemplo: levantaram uma cruz na aldeia, que possuía a dimensão de oitenta palmos e uma igreja de pindoba denominada Nossa Senhora da Esperança. Eram modificados, assim, o espaço, as práticas diárias e a mentalidade.

A segunda aldeia a ser visitada situava-se na “perigosa” região dominada pelo índio Surubi, temido

4. Não conseguimos indicar a localização exata da aldeia. De acordo com Freire (1977, p. 5) se encontrava nas imediações do Rio Piauhy, afluente do Rio Real. Já Nunes (2000) destaca que possivelmente essa aldeia ficava no atual município de Santa Luzia.

5. Carta de Padre de Toloza ao Padre Geral da Companhia de Jesus de sete de setembro de 1575. Biblioteca Nacional de Lisboa, cod. 41.532, fls 161-167.

por ser responsável pela morte de alguns colonos. De acordo com a carta, os padres foram convidados a conhecer a referida aldeia. Ela ficava mais perto do rio Vaza-Barris, provavelmente nas proximidades do atual município de Itaporanga (FREIRE, 1977, p. 5), “a dez ou doze léguas de S. Thomé, por mui ruim caminho”⁶. O convite não foi atendido de prontidão, pois os padres ficaram receosos e dificultaram a visita. Mas, de acordo com o relato, foram muito bem recebidos. Para comer foram oferecidas quatro espigas de milho. Durante a sua estada fundaram a segunda Igreja nas terras de Sergipe, denominada de Santo Inácio, cortaram madeira e fizeram a cobertura de palha. A Igreja atenderia às “mil almas” que ali se encontravam.

Muitas outras aldeias foram também visitadas pelo padre Gaspar Lourenço. Entretanto, em apenas três foram erguidas igrejas. A terceira ficava próxima ao mar, era a aldeia do índio Serigi. Como chegaram à localidade na véspera de São Pedro e São Paulo, 28 de junho de 1575, levantaram a cruz e fizeram a igreja cuja invocação foi dedicada a São Paulo.

Nessas visitas, além da doutrinação pelas orações, pelas missas e pela confissão, também eram realizados batismos. Percebe-se que o sacramento do batismo era ministrado, conforme o documento, preferencialmente às pessoas que se encontravam próximas da morte:

Na aldeia de S. Thomé baptisaram outra índia, estando já a morrer, e assim que quando o Padre lhe fallava, mostrava pouca vontade disso, parecendo-lhe que só se batisasse logo havia de morrer que lhe ensinava o demônio, porque como os padres agora não batisavam senão as que estavam à morte, pareceu-lhe que em baptisando-se logo havia de morrer. Mas outro dia visitando-a elle padre e dizinho-lhe que se não queria o inferno era necessário batisar-se, Ella disse que o desejava muito, que o dia e antes quando soltou algumas palavras foi porque não estava em seu entendimento e assim depois de bem instruída, a baptisou o

Padre e assim dahi a três dias foi gosar de seu creador, e enterraram-na na porta da igreja com a solenidade que se costuma em nestas aldeias e ficaram todos admirados de vel-o⁷.

Essa falta de vontade ao batismo e ao sacramento se aplicado quando, percebe que há perigo de morte, são vestígios da resistência e do confronto no projeto de catequese. Observa-se que nesse discurso carregado de impressões positivas, como aponta Boxer (2007, p.118), o processo não foi tão simples assim. A partir desse relato é possível destacar outro aspecto importante no processo de conversão, o cuidado com os mortos e com os doentes. Na morte, a figura do demônio e o medo dela ocorrer sem o sacramento, pairam sobre a atividade dos jesuítas. Era necessário velar o doente e evitar que o mesmo partisse sem o sacramento necessário, o que seria um perigo tanto para a alma do índio como para a do próprio jesuíta.

O missionário deve então se deslocar para visitar os doentes. A agonia dos índios é um momento chave, onde estão em jogo ao mesmo tempo a salvação do índio e a do missionário. Se um índio morre sem o sacramento, o missionário se achará responsável por isso aos olhos de Deus. Nessa economia da salvação, a salvação do missionário está estreitamente ligada à de suas ovelhas. (CASTELNAU-L'ESTOILE, 2006, p.147-148).

Para auxiliar na doutrinação cristã foram enviados para as aldeias de Sergipe o padre João Pereira e o irmão Pero Leitão. Dessa forma, os membros da Companhia foram redistribuídos entre as aldeias, facilitando o contato e mantendo a permanência nas localidades. O Padre Pereira, junto com o irmão Salônio, se tornou o responsável pela igreja de São Tomé. Já o padre Gaspar de Lourenço e o irmão Pero Leitão ficaram nos limites do índio Surubi, na Igreja de Santo Inácio (LEITE, 1939, p.442).

6. Carta de Padre de Toloza ao Padre Geral da Companhia de Jesus de sete de setembro de 1575. Biblioteca Nacional de Lisboa, cod. 41.532, fls 161-167.

7. Carta de Padre de Toloza ao Padre Geral da Companhia de Jesus de sete de setembro de 1575. Biblioteca Nacional de Lisboa, cod. 41.532, fls 161-167.

Contudo, esses aparentes momentos de calma seriam suplantados pelos conflitos entre os colonos e gentios. Apesar dos relatos dos padres da Companhia informando os êxitos no projeto de catequese, um clima tenso pairava no ar: os colonos instigavam o governo relatando problemas, bem como animosidades na região que se intensificaram após o governador Luiz de Brito ter delegado a colonização da mesma a Garcia D'Ávila. Para Capistrano de Abreu (1988, p. 96-97),

Luis de Brito de Almeida pretendeu passar além do rio Real e incorporar Sergipe. Já os jesuítas tinham preparado o térreo para a penetração pacífica por meio das missões, mas a cobiça dos colonos e as manhas de alguns mamelucos tudo arruinaram.

Os campos além do Rio Real passam a se tornar, cada vez mais importantes para a expansão dos rebanhos de gado, aguçando os interesses dos senhores de terra do Recôncavo pela região, que exigiam do governador a retirada dos índios da localidade. De acordo com Nunes (2000, p. 193), os jesuítas, em muitos momentos, elogiavam a atuação de Garcia D'Ávila, contudo, ao passo que ambos passaram a disputar a posse da mesma região, começaram a combatê-lo.

A mentalidade jesuítica emerge nas linhas da carta, vislumbrando a doutrina cristã. A pesquisa desenvolveu-se a partir da análise da carta produzidas durante a primeira tentativa de conquista das terras acima do rio Real que pode ser visto como exemplo da ação catequética jesuítica. Elementos como o medo passam a ser então o elo necessário para promover a aproximação do índio com os jesuítas. Os padres defendiam a ideia de que deviam preparar a alma dos nativos para que esses pudessem receber a fé cristã. A preparação era feita incutindo a necessidade do índio consentir a catequese como forma de manter sua segurança. Na escrita dos jesuítas, a Europa cristã defronta-se com a América portuguesa indígena. Dois mundos aparentemente distantes se entrecruzam nas prédicas dos padres. A conquista da América lusitana não se fez somente com armas de fogo, mas também por meio das palavras e do ensino.

REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial – 1500-1800**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000 [1907].

ALMEIDA, Aurélio Vasconcelos de. Vida do Primeiro Apóstolo de Sergipe, Pe Gaspar de Lourenço. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, nº 21, 195.

ANCHIETA, José de. **Primeiros aldeamentos na Bahia**. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1946.

ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência do Brasil**. Salvador: Livraria Progresso, 1955.

BOXER, Charles. **A igreja militante e a expansão ibérica (1440-1770)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARDIM, Fernão. **Tratados da Terra e Gente do Brasil**. São Paulo: Hedra, 2009.

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. **Operários de uma vinha estéril**. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 2006 [2000].

Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus [1599] Regime escolar e curriculum de Estudos. Lisboa: Esfera do Caos, 2009.

DOCUMENTOS Históricos da Biblioteca Nacional. Vol. LXIV. Rio de Janeiro: Typografia Baptista de Souza, 1944.

FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. 2. ed. Petrópolis: Vozes; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1977.

LEITE, Serafim (org.). **Cartas dos primeiros Jesuítas no Brasil (1538-1553)**. São Paulo: Comissão do IV centenário da Cidade de São Paulo, 3 vols, 1954-57.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. **O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios**: colonialismo e representação cultural. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

NUNES, Maria Thetis. A integração do território sergipano à colonização portuguesa. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, n 408, 2000, p.193.

Mecenas-Santos, Ane Luíse Silva. **“Conquistas da fé na gentildade brasílica”**: a catequese jesuítica na aldeia do Geru (1683-1758), Dissertação de Mestrado: UFPB, 2011.

Mecenas-Santos, Ane Luíse Silva. . **“O remédio das**

almas dos gentios”: a catequese jesuítica em Sergipe na epístola de Toloza. Soares, Azemar dos Santos. Retalhos de história: culturas políticas e educação no nordeste do Brasil. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011, p. 11-38

Mecenas-Santos, Ane Luíse Silva. . **Palavras para conhecer e converter: os escritos do padre Mamiani utilizados na catequese dos índios kiriri no século XVII**, Díaz, José María Hernández., Formación de élites y Educación Superior en Iberoamérica (SS. XVI-XXI). Salamanca: Hergar Ediciones Antema, 2012, p. 135-146.

Mecenas-Santos, Ane Luíse Silva. . **Para maior glória de Deus e da ordem: a catequese jesuítica a partir do método do Padre Mamiani**. Barreto, Raylane Andreza Dias Navarro; Santos, Claude-franklin, Temas de história e educação católica em Sergipe. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, p. 47-75.

1. Diretora do Museu Galdino Bicho e da Pinacoteca Jordão de Oliveira. Doutoranda em História na UNISINOS. Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba. Licenciada e bacharel em História pela Universidade Federal de Sergipe. Pesquisadora dos grupos de pesquisa do CNPq, “Jesuítas nas Américas”, “Culturas, Identidades e Religiosidades” e “Arte, Cultura e Sociedade no Mundo Ibérico (séculos XVI a XIX)”. Endereço eletrônico: anemecenas@yahoo.com.br